

OS IMPACTOS DA URBANIZAÇÃO TURÍSTICA NA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO RESIDENTE NAS LOCALIDADES DE AREMBEPE E IMBASSAÍ

Fernando Luis Santos Passos¹; Telma Maria Sousa dos Santos²

1. Bolsista PVIC/UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Graduando em Geografia, e-mail: nandouefs@hotmail.com
2. Orientadora, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências humanas e Filosofia, e-mail: telmaarq@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Turismo, Espaço Urbano, Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

O turismo traz consigo dinâmicas características da modernidade, as quais embalam as tendências de busca pelo novo. Esta busca incide diretamente sobre a produção do espaço, gerando impactos na vida da população. O espaço urbano agora produzido pelo turismo se qualifica pelo e para o consumo. O espaço passa então a ser valorizado, não apenas por seu valor de uso, mas por seu valor de troca, fato que é característico na urbanização turística.

Analisar a conjuntura do termo urbanização turística, de modo como foi aplicado por Mullins (1991), significa identificar a existência de formas específicas de produção do espaço urbano engendradas a partir da atividade turística, sobretudo quando esta se impõe como dominante na economia local.

Nesse contexto, a urbanização turística se caracteriza pela influência da prática do turismo no espaço, como refere Lopes Junior (2000), traduz-se pelo surgimento de uma reorganização do espaço urbano, orientado para a produção de lugares e o consumo desses mesmos lugares que se destinam ao prazer. A urbanização turística enquanto processo distinto da urbanização industrial, conforme observa Clavé (1998), tende a responder a uma prática urbana única, com funções e estruturas diferenciadas da cidade convencional, ou urbanização tradicional.

Dessa forma, não é pertinente dissociar o processo de urbanização da produção do espaço urbano, pois as ações dos agentes sociais nesse espaço se constituem num processo de urbanização da cidade, seja através da expansão urbana, seja através de ações de melhorias ou de infraestrutura.

Nesta perspectiva, a crescente importância econômica da atividade turística é intensificada pelos impactos dessa atividade sobre o espaço e em consequência sob a qualidade de vida da população local, esse tema tem se tornado nos últimos anos fonte de estudos e pesquisas das dinâmicas associadas à inserção e ao desenvolvimento desta atividade nos mais diferentes lugares.

Assim, compreender os impactos proporcionados pela urbanização turística significa identificar a existência ou não de melhorias na qualidade de vida, definida por Novais (2000) como implantação e manutenção do acesso a todas as infraestruturas básicas (abastecimento de água, habitação, saneamento, transporte, drenagem, limpeza urbana, entre outras).

METODOLOGIA

Foi realizado em gabinete o levantamento bibliográfico para a construção inicial do referencial teórico sobre o processo de urbanização turística e a qualidade de vida. Foram

utilizados também dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e da Empresa de Turismo da Bahia (BAHIATURSA) além de análise e leitura de documentos oficiais. Na confecção desta primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa, foi fundamental o uso de fotografias para identificação dos elementos estruturais que proporcionam o desenvolvimento da urbanização turística sendo estas fontes de pesquisa. A partir desses procedimentos foi possível iniciar a avaliação sobre o processo de urbanização turística e as consequências deste na qualidade de vida da população local.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A relação entre as atividades turísticas e a produção do espaço urbano tem se manifestado cada vez mais intensamente, em virtude que estas atividades vêm ganhando maior força nas últimas décadas. Além dos incentivos dados a partir das políticas públicas voltadas ao setor, e em especial para as áreas do litoral, a aplicação do capital de grandes corporações, com forte presença internacional, vem mantendo crescente e intensificada a participação do turismo na economia capitalista.

Nestas condições, a produção do espaço urbano se constitui como fruto dos interesses entre agentes e participantes sociais, motivados pelas relações simbólicas e contraditórias ditadas pelas múltiplas facetas do capitalismo.

Partindo dessa análise, é pertinente concordar com a ideia de Coriolano (1998), a qual compreende a atividade turística antes de tudo, como uma experiência geográfica. Esta atividade passa então a se colocar como meio de representação direta entre as relações homem e espaço, principalmente no urbano.

O espaço urbano é então, destinado a poucos atores, gerando uma crescente massa de excluídos sociais. Olhando nessa perspectiva, Carlos (2007), acredita e define que a cidade e/ou o espaço urbano é produto das contradições de classe e envolve interesses e necessidades diversas, o que comprova a participação de diferentes agentes sociais na produção e modificação da urbanização ocasionada pelo turismo. Assim, o espaço urbano turístico se constitui por meio das lutas que ocorrem nesse espaço. Então, é pertinente destacar os principais agentes envolvidos na produção do espaço em discussão: o Estado, o Mercado e a Sociedade.

Nessa perspectiva é pertinente salientar que os interesses explícitos nas diversas formas de atuação do Estado justificam, na maioria das vezes, o processo de fragmentação, diferenciação e desigualdade socioespacial verificado no processo de urbanização turística desencadeada pela atividade do turismo no litoral. Ou seja, estas contradições e conflitos socioespaciais não se caracterizam exclusivamente das práticas do turismo, mas sim através da forma de atuação dos interesses dos agentes envolvidos no processo de urbanização, representados na maioria das vezes pelas ações do Estado.

Assim, as ações do Estado voltadas para o turismo (infraestrutura, e melhoria de vida da população local), através de intervenções no espaço, em escala local modificam o espaço urbano, podendo ou não contribuir para uma maior equidade socioespacial, e muitas vezes podem gerar o acirramento dos conflitos socioespaciais, uma vez que, em grande escala apenas os interesses políticos e econômicos da classe hegemônica são atendidos, deixando de lado, por consequência, as necessidades da população residente.

Nesse sentido, os desafios enfrentados entre as ações do Estado e melhoria na qualidade de vida da população residente consistem na elaboração de novos meios de abordagem que considerem as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas em nível total e não apenas nas áreas de desenvolvimento das atividades turísticas.

Ainda analisando os agentes produtores do espaço urbano/turístico, o mercado encontra-se como um dos principais atuantes na produção e modificação destes espaços,

atuando através de promotores imobiliários e proprietários fundiários. Estes passam a agir em conjunto na transformação dos espaços por meio da construção de complexos hoteleiros, redes de financiamento, especulação imobiliária e controle de bens e serviços, ocasionando a reestruturação e readaptação dos residentes aos novos espaços desenvolvidos pelo turismo.

Dessa forma, ao longo do processo de produção dos espaços turísticos no Litoral, pôde-se evidenciar transformações nos espaços de lazer do residente, pois estes passaram a contar com a inserção de equipamentos e serviços voltados para o turismo, para o consumo dos turistas, deixando de lado os verdadeiros anseios da população local.

Nesse contexto, os residentes passam então a desempenham funções de extrema importância, pois irão atuar nas diferentes formas de produção e consumo do espaço. Esta participação geralmente acontece de forma involuntária, uma vez que, este grupo passa a usufruir das infraestruturas e serviços proporcionados pela atividade turística. Em áreas litorâneas, como é o caso de Arembepe e Imbassaí, esses residentes são representados quase que em sua totalidade pelas aldeias de pescadores e pela população nativa, as quais sofrem os impactos e as adaptações do espaço que se molda de acordo com as determinações impostas pelas atividades turísticas.

Portanto, o que se entende por qualidade de vida (melhoria dos meios de produção e infraestrutura), é posto de lado, uma vez que tais melhorias atendem apenas uma fração do espaço e não sua totalidade, caracterizando o beneficiamento de poucos atores sociais envolvidos na produção do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a pesquisa ainda se encontra em sua fase inicial, os dados coletados em gabinete, foram retirados do banco de dados disponíveis no Grupo de Pesquisa Espaço, Turismo e Ambiente (GET), proporcionando a construção do referencial teórico que constituirá as bases de desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, os resultados alcançados por meio da pesquisa bibliográfica, proporcionou o entendimento de que as atividades turísticas se apresentam como fenômeno para a modificação e valorização do espaço urbano, uma vez que captam investimentos que podem ou não gerar o melhoramento das condições de vida da comunidade local. Porém, parte dessa infraestrutura constitui-se de instalações específicas para a prática turística.

Assim, com base nos autores citados, o que se pode constatar é que em muitos casos, a população local ainda recebe poucos benefícios diretos dessas melhorias proporcionadas pelo desenvolvimento das práticas turísticas, pois grande parte desses investimentos são direcionados as áreas próprias para o turista, e não exatamente para atendimento das necessidades da população residente.

Portanto, os conflitos entre os agentes produtores do espaço turístico (Estado e Mercado) e os residentes se justificam pela forma de produção e apropriação do espaço nas áreas turísticas. O Estado e o Mercado produzem o espaço em função do turista, em função de suas necessidades, por outro lado, o residente molda-se pela esfera da vida cotidiana, através da apropriação do espaço vivido, percebido e sentido, sobretudo quando se trata das práticas de lazer.

Enfim, o que se pôde constatar nessa fase inicial é que as atividades turísticas de produção e modificação do espaço afeta diretamente à vida da população residente, pois opta pela modificação dos espaços locais e em consequência pela modificação dos meios de vida do residente.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, L.de S. (ORG.). **Geografia da Cidade**: a produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

CLAVÉ, S. A. (1998). **La urbanización turística**. De la conquista del viaje a la reestructuración de la ciudad turística. Doc. Anàl. Geogr, 32: 17-43.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O Turismo entre o lazer, o ócio e a cidadania. In: Coriolano, Luzia Neide Menezes Teixeira (org.). **Curso Turismo de Inclusão**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. Et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES JUNIOR, E. (2000). **População e meio ambiente nas paisagens da urbanização turística do Nordeste**: o caso de Natal. In: TORRES, H.; COSTA, H. (orgs). População em Meio Ambiente: Debates e Desafios. SENAC, São Paulo:213-231.

MULLINS, Patrick. "**Tourism urbanization**". International Journal of Urban Regional Research, 15 (3): 326-342, 1991.

NOVAES, Washington; RIBAS, Otto; NOVAES, Pedro da Costa. **Agenda 21 Brasileira – Bases para discussão**. Brasília MMA/PNUD 2000.